

Especialista diz que não estamos na presença de um inverno extraordinário

Lusa/AO Online / Nacional / 31 de Mar de 2013, 19:14



© SXC

480 visualizações

Tweeter 2 +1 0 Gosto 7 Enviar

Outras notícias

Pensionistas e trabalhadores por conta de outrem começam entrega de IRS pela internet

Crise afasta casais inférteis dos privados e setor público deve preparar-se

Patriarca de Lisboa alerta para interesses materiais que dominam sociedade

Roteiro virtual prepara interesse para visitas reais a minas

Assunção Esteves solidária com familiares das vítimas da derrocada em Arouca

Um investigador da Universidade de Coimbra (UC), Alexandre Tavares, afirma que a intensa pluviosidade das últimas semanas não representa um inverno extraordinário.

Os impactos negativos da pluviosidade "são exatamente os mesmos" do passado, mas atualmente as pessoas "constroem percepções diferenciadas" da realidade, declarou Alexandre Oliveira Tavares à agência Lusa. "Não se morre hoje mais, nem menos, do que há anos atrás", afirmou o professor da UC, doutorado em Engenharia Geológica, que tem vindo a trabalhar na área dos riscos naturais. Na década de 40 do século XX, por exemplo, "morria-se tanto como se morre agora" devido a catástrofes associadas a situações de agravamento das condições meteorológicas, que causam cheias e deslizamentos de terras, entre outros problemas com impacto na comunidade. No passado, sublinhou, essas ocorrências verificavam-se mais em canchelos rurais do interior, enquanto atualmente são registadas sobretudo em áreas urbanas do litoral, com destaque para a Área Metropolitana de Lisboa. "Não partilho da ideia de que estamos na presença de um inverno extraordinário", disse. Enquanto investigador do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, Alexandre Tavares coordena um projeto que visa disponibilizar dados relativos a "eventos de origem hidro-geomorfológica com consequências danosas" em Portugal continental. No âmbito do projeto "Disaster", que envolve investigadores de outras universidades portuguesas, foi já realizado, com base na consulta de 16 jornais, o levantamento dos desastres hidrológicos (cheias) e geomorfológicos (deslizamentos) ocorridos desde 1864. Com consequências "mais gravosas", quanto a perda de vidas humanas e danos materiais, "há uns 'picos' que se vão repetindo" nos últimos 150 anos, disse à Lusa. "Temos hoje uma sociedade muito mais resistente (desde as cheias devastadoras de 1967, na Grande Lisboa), com mais respostas do ponto de vista operacional e uma capacidade muito mais efetiva" no ordenamento, afirmou. Alexandre Tavares admitiu que a sociedade reflete uma certa "perda de memória" relativamente às consequências trágicas de alguns invernos do passado, mas também a antigas rotinas de prevenção, como a limpeza regular dos rios e ribeiros. Na sua opinião, importa "ritualizar práticas resilientes" que agilizem "respostas adequadas" da parte das instituições e dos cidadãos em geral. "Vamos ter de fazer uma reaprendizagem coletiva do espaço público que habitamos e onde trabalhamos, em termos do que são as nossas memórias próximas", acentuou. O investigador do CES defendeu "uma melhoria dos sistemas de aviso e alerta" das populações. "É aqui que se minimizam as perdas materiais e humanas", acrescentou. Alexandre Tavares integra o Grupo de Investigação de Modelação Geológica e Ordenamento do Território, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC. No Centro de Estudos Sociais, participa ainda no Observatório do Risco - OSIRIS.

De 2 de março a 6 de abril de 2013

Coleção composta por sete livros, distribuídos aos sábados com o DN e

CICLO de CONFERÊNCIAS

Açoriano Oriental

TURISMO nos Açores Que futuro?

8 | abril | 2013

APOIO: Governo dos Açores, Montepio, GRUPO BENSALUDE

ORGANIZAÇÃO: sata, Açoriano Oriental

PARCEIROS: I+D+i, SAKER TILLY

As mais lidas

Hoje Da semana Do mês

- Emigração forçada de jovens no Nordeste causa preocupação
- Caldeira Velha já se encontra limpa e pronta para banhos
- Especialista diz que não estamos na presença de um inverno extraordinário
- "Associação cria movimento contra a fome" é a manchete do Açoriano Oriental
- Não é por falta de dinheiro que bancos não financiam economia
- Pensionistas e trabalhadores por conta de outrem começam entrega de IRS pela internet
- Crise afasta casais inférteis dos privados e setor público deve preparar-se

AO SUGERE ESTA SEMANA

29 de março a 4 de abril